

PATRIMÔNIO ESCOLAR EM ABANDONO: O COLÉGIO ESTADUAL FÉLIX DA CUNHA-PELOTAS/RS

JEZUINA KOHLS SCHWANZ¹; GIANA LANGE DO AMARAL²

*Universidade Federal de Pelotas– jezuinaks@gmail.com ¹
Universidade Federal de Pelotas– gianalangedoamaral@gmail.com ²*

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho é parte de uma pesquisa de pós-doutoramento inserida na Linha de Filosofia e História da Educação realizada junto ao programa de pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). O estudo alinha-se ao Projeto “História e memórias de escolas da cidade de Pelotas”, coordenado pela professora doutora Giana Lange do Amaral. O objeto dessa pesquisa é o prédio histórico que abriga o Colégio Estadual Félix da Cunha, antigo Colégio Elementar, tendo como recorte temporal décadas de 1940 à 2020.

A escolha por esta instituição como objeto de estudo justifica-se pela necessidade de evidenciar aspectos históricos de sua trajetória, sobretudo no que diz respeito ao edifício escolar, atualmente em condição de extrema vulnerabilidade. Trata-se de uma materialidade representativa da memória da educação em Pelotas e do patrimônio edificado da cidade. Convém ressaltar que o prédio que abriga o Colégio desde 1944 encontra-se, há nove anos, parcialmente interditado em razão da falta de conservação e do risco de desabamento. Atualmente as atividades escolares passaram a ser desenvolvidas em um prédio anexo, deslocando temporariamente a sede da instituição de seu espaço histórico.

Partindo do pressuposto de que a cultura material escolar (MENEZES, 2005; VIDAL, 2005; FARIA FILHO, 2015) está intrinsecamente relacionada à construção da memória e do sentimento de pertencimento dos sujeitos em relação às instituições educacionais, esta pesquisa adota a análise historiográfica como método de investigação. O objetivo é atribuir sentido às questões suscitadas pela complexidade espaço-temporal, pedagógica e organizacional que marcam a trajetória desta instituição de ensino.

Ancorada nos pressupostos teóricos e metodológicos da História Cultural (CHARTIER, 1988, 1991; BURKE, 1992; LE GOFF, 1996), a pesquisa parte da compreensão de que a cultura material escolar mantém relação direta com a construção da memória das instituições educacionais. Tal memória, por sua vez, constitui um dos fundamentos essenciais para a garantia da cidadania cultural e para a preservação das identidades dos sujeitos educativos (VIÑAO FRAGO, 2009).

Sendo assim, compreende-se que o prédio escolar não é apenas suporte físico para as ações humanas, mas um elemento carregado de significados simbólicos e sociais. Sua arquitetura, organização e forma de uso revelam, de

maneira explícita ou implícita, as relações sociais estabelecidas entre os sujeitos que nele convivem (ERMEL, 2016; BENCOSTTA, 2019; FUNARI E ZARANQUIM, 2005).

2. METODOLOGIA

A pesquisa historiográfica está sendo realizada a partir do cruzamento das fontes, em diálogo com os autores pesquisados e a partir das categorias de análise já elencadas (BARROS, 2020). Para isso pretende-se buscar em diferentes fontes, suporte para que possamos entender a relevância da cultura material escolar e do prédio (artefato fixo) para a memória da instituição (BENCOSTTA, 2019).

Sendo assim, uma das fontes de pesquisa é o acervo do Colégio Estadual Félix da Cunha que se encontra, em parte, desorganizado no prédio que está interditado, mal armazenado e exposto a intempéries. A História Oral (FÉLIX, 1998) será utilizada como fonte histórica e também como metodologia de estudo, pois para compreender a história das instituições educativas, os relatos têm a função de compor a trajetória dos sujeitos que se entrelaçam com a instituição, selecionando aquilo a ser rememorado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo dos anos, o Colégio Estadual Félix da Cunha recebe alunos e professores de diferentes regiões da cidade e seu prédio histórico é referencial para a comunidade escolar e de seu entorno. Nesse sentido, refletir sobre as representações desse espaço é importante para a preservação da memória da instituição e da educação em Pelotas bem como de sua materialidade que se encontra em processo de degradação.

Fundado em 1913, além de ser uma importante instituição de ensino de Pelotas, foi a segunda Escola Elementar da cidade, contando desde a sua fundação com um grande número de alunos. Seu prédio é representativo da arquitetura imponente do final do século XIX e possui um acervo documental que caracteriza a cultura escolar ao longo de mais de um século de história. A instituição educacional ao longo deste tempo, ocupou três espaços distintos na cidade, desde a sua fundação em 1913. O primeiro localizado à Rua Félix da Cunha em uma área central da cidade. Um ano após a sua fundação, em 1914, o Colégio instalou-se na Rua Gonçalves Chaves. E, em 1944, o colégio passou a funcionar no prédio, situado à Rua Benjamin Constant nº1459.

É importante salientar que as edificações que fazem parte do espaço urbano são elementos fundamentais do patrimônio histórico, pois registram memórias coletivas, práticas sociais e expressões culturais de diferentes épocas (CHOAY, 2016). Em Pelotas, cidade reconhecida por seu patrimônio histórico e artístico, o valor de seus prédios é amplamente destacado. Essas construções, portanto, necessitam ser preservadas como forma de garantir a continuidade da identidade e da cultura da comunidade. A proteção de bens imóveis por meio de inventário contribui para ampliar e valorizar o patrimônio já salvaguardado, ao

mesmo tempo em que evidencia o processo de crescimento urbano e as fases da arquitetura pelotense. Sendo assim, dada a sua relevância histórica, o prédio foi inventariado em 9 de novembro de 2016¹.

O prédio histórico que ora abriga o Colégio Estadual Félix da Cunha foi construído no início do século XX para servir de residência da família do Capitão Antonio Rodrigues Ribas e Alzira Maciel, filha da baronesa dos Três Serros e do barão Aníbal Antunes Maciel, figuras proeminentes da sociedade pelotense oitocentista. Seu prédio assobradado é representante do período de desenvolvimento do ecletismo historicista² pelotense entre os anos de 1890 e 1931. Embora o prédio tenha sido construído afastado do centro da cidade, foi estrategicamente localizado na principal via de acesso para o porto, um dos pontos de entrada de Pelotas.

Mesmo que o prédio imponente da rua Benjamin Constant não tenha sido construído para ser uma escola, foi escolhido para representar um ideal de escola, tendo como público a elite pelotense. Nesse sentido, a arquitetura escolar deve ser entendida como um elemento cultural, político e pedagógico, além de ser uma forma de distinção social. A arquitetura também é uma forma de discurso (ERMEL, 2016). A adaptação de prédios residenciais para atividades escolares foi prática comum até meados do século XX em Pelotas, assim como em outras cidades do Brasil.

4. CONCLUSÕES

As constantes iniciativas por parte da comunidade escolar para garantir junto ao poder público a restauração do prédio do Félix da Cunha demonstram a importância da sua materialidade para além de sua função como escola, mas no que tange à preservação da memória e o fortalecimento da sua identidade escolar. O edifício escolar não é testemunho apenas da materialidade do colégio, de sua funcionalidade pedagógica. Ele cumpre também uma função simbólica e memorialística. Essa dimensão simbólica é importante para pensarmos no pertencimento (ou não) que a comunidade escolar cria em torno dessa materialidade. Nesse sentido, esse estudo contribui para ações de salvaguarda da memória da instituição e de trabalhos em torno das representações acerca desse patrimônio educativo que hoje encontra-se em abandono.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D' Assunção. Fontes históricas: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do Historiador, e a sua variedade de tipos. In: **Cadernos do Tempo Presente**. V 11, n. 02, p. 03-26, jul/dez.2020.

¹ Segundo o inventário de prédios de Pelotas, a obra data de 1908, e está inventariada com o número de identificação, 26, ZPPC 3, Sítio do Porto.

² O período denominado de “consolidação” do Ecletismo em Pelotas, correspondente ao “Segundo Período”, de acordo com a classificação de Schlee (1993), que destaca o avanço da industrialização que impulsionou a continuidade do processo de urbanização da cidade. Nesse contexto, foram implantados ou surgiram importantes melhoramentos urbanos, como a pavimentação de ruas e avenidas (1902), a introdução dos automóveis (1905), a instalação de redes de esgoto e a arborização das principais vias (1914), a iluminação pública e os bondes elétricos (1915) e, posteriormente, a pavimentação em paralelepípedos de granito (1922).

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. A escrita da arquitetura escolar na historiografia da educação brasileira (1999-2018). **Revista Brasileira De História da Educação**, 2019.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In.: **Estudos avançados** 11(5), 1991.

ERMEL, Tatiane de Freitas. Arquitetura escolar dos colégios elementares no Rio Grande do Sul (1913-1928). In: **Colégios elementares e grupos escolares no Rio Grande do Sul: memórias e cultura escolar- séculos XIX e XX**. Org. Luciani Grazziotin e Dóris Bittencourt Almeida. São Leopoldo: Oikos, 2016.

ESCOLANO, A. B. Arquitetura como programa: espaço-escola e currículo. In: VIÑAO FRAGO, A.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade**. Tradução de Alfredo Veiga Neto. 2a ed. Rio de Janeiro: D. P. & A., 2001.

FARIA FILHO, Luciano M. **Dos pardieiros aos palácios: forma e cultura escolar em Belo Horizonte (1906/1918)**. 2 ed. Uberlândia: UFU, 2015.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória: a problemática da pesquisa**. Universidade de Passo Fundo, 1998.

FUNARI, Pedro Paulo; ZARANKIN, Andrés. Cultura material escolar: o papel da arquitetura. **Pro-Posições**. v. 16. n. 1(46)- jan./abr. 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MENEZES, Maria Cristina. C. (org). Dossiê: **Cultura Escolar e Cultura Material Escolar: entre Arquivos e Museus**. Revista Pro-posições, UNICAMP, vol.16, n. 1 (46) – jan/abr.p.13-164, Campinas, SP, 2005.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, vol.10, p.7-28, dez/1993.

SCHLEE, A. R. **O ecletismo na arquitetura pelotense até as décadas de 30 e 40**. 1993. 215 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. Prefeitura Municipal de Pelotas. **Imóveis Inventariados 2016**. Disponível em: <https://gilbertocunha.com.br/pelotas/inve-patr/relacao.pdf>, acesso em 15 de agosto de 2025.

VIÑAO FRAGO, Antônio. Espaços, usos e funções: a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.